

I Simpósio Internacional de Imagem e Inserção Social



Simonetta Persichetti

*Doutora em Psicologia pela PUC-SP
Professora do Mestrado em
Comunicação da Cáspes Líbero
E-mail: spersich@uol.com.br*

Roberto Chiachiri

*Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP
Professor do Mestrado em
Comunicação da Cáspes Líbero
E-mail: prof.arcf@uol.com.br*

Esta edição temática da Revista Líbero é o resultado do I Simpósio Internacional de Imagem e Inserção Social promovido pela Faculdade Cáspes Líbero, com apoio da Fapesp e realizado nos dias 5, 6 e 7 de novembro de 2013 no auditório Aloysio Biondi da Faculdade.

A ideia foi reunir um grupo de pesquisadores multidisciplinares nacionais e internacionais a fim de discutir e analisar o crescente papel da imagem na sociedade por meio da sua inserção via política, educação, saúde e comunicação.

Neste primeiro encontro foram apresentadas temáticas que pretendem subsidiar os próximos encontros no Brasil e no exterior, culminando com a criação de um grupo de pesquisa multidisciplinar e internacional que promoverá estudos levantando questões

e desenvolvendo trabalhos que contribuirão na formação de um pensamento social ensinando, assim, o interesse de outros pesquisadores, mestrands e doutorands nesta área.

O evento foi aberto com a palestra do Prof. Dr. Winfred Nöth da PUC-SP e da Universidade de Kassel (Alemanha), que discor-

Nos trabalhos, percebemos a crescente função imagética para o conhecimento e discussão de fenômenos midiáticos na contemporaneidade



reu sobre aquilo que as imagens excluem e como o excluído é incluído novamente. Em seguida o Prof. Dr. Bernard Darras da Universidade de Paris I, Sorbonne (França), nos apresentou um modelo de educação pela imagem desenvolvido no âmbito de sua mais recente pesquisa. Já o Prof. Dr. Michael Rinn, da Universidade de Brest Bretagne Occidentale (França), trouxe sua experiência na análise de fotografias publicitárias na campanha da prevenção da Aids e da percepção que ela provoca tanto pela sociedade como pelos próprios publicitários e agentes governamentais. Entre os brasileiros, o Prof. Dr. Silas de Paula da Universidade Federal do Ceará falou sobre narrativas imagéticas. Tendo aqui como protagonista a Fotografia, discute as transformações do analógico para o digital, com as imagens eliminando a dicotomia amator/profissional. E o Prof. Dr. Paulo Boni da Universidade Estadual de Londrina, nos alertou sobre a importância da pesquisa iconográfica como resgate da memória de cidades construída por meio de fotografias amadoras e álbuns de família. A Fotografia como gatilho da memória.

No entremeio das apresentações dos professores pesquisadores convidados, alunos mestrands e doutorands de diversos programas de pós-graduação em comunicação no Brasil (PPGCOM) apresentaram suas pesquisas contemplando o tema proposto pelo simpósio.

O encerramento do evento se deu com a palestra da Profa. Dra. Lucia Santaella da PUC-SP, que discorreu sobre a problemática da educação no Brasil.

Este simpósio espera ser um canal multidisciplinar e internacional sobre a discussão cada vez mais necessária das funções simbólicas das imagens nos mais diversos segmentos sociais.

Como afirma o psicólogo social Serge Moscovici (1996, p. 45) “não é possível conhecer o ser humano sem considerá-lo inserido em uma sociedade, em uma cultura, em um momento histórico e em determinadas condições política e econômicas”. Desta maneira, nos trabalhos apresentados no simpósio, foi possível perceber a crescente função imagética para o conhecimento e discussão de fenômenos midiáticos na contemporaneidade. Considerar cada vez mais o papel fundamental do que é imaginado e de uma construção de um imaginário social que é construído por meio de representações. E destarte, procurar compreender porque o ser humano pensa e age de determinada forma. Que realidade criamos para nós a partir das representações imagéticas que concretizam nosso imaginário. Ou seja, de que maneira nos apresentamos e representamos por meio das imagens que construímos para nos apropriamos do mundo.

As imagens assim como as histórias, nos informam. Aristóteles sugeriu que todo processo de pensamento requereria imagens. “Ora, no que concerne à alma pensante, as imagens tomam o lugar das percepções diretas; e, quando a alma afirma ou nega que essas imagens são boas ou más, ela igualmente as evita ou as persegue. Portanto a alma nunca pensa sem uma imagem mental.” Sem Duvida, para o

cego, outras formas de percepção sobretudo por meio do som e do tato, suprem a imagem mental a ser decifrada. Mas, para aqueles que podem ver, a existência se passa em um rolo de imagens que se desdobra continuamente, imagens capturadas pela visão e realçadas ou moderadas pelos outros sentidos, imagens cujo significado (ou suposição de significado) varia constantemente, configurando uma linguagem feita de imagens traduzidas em palavras e de palavras traduzidas em imagens, por meio das quais tentamos abarcar e compreender nossa própria existência. As imagens que formam nosso mundo são símbolos, sinais, mensagens e alegorias. Ou talvez sejam apenas presenças vazias que contemplamos com nosso desejo, experiências, questionamento e remorso. Qualquer que seja o caso, as imagens, assim como as palavras, são a matéria de que somos feitos. (Manguel, 2000, p. 21).

Em uma sociedade em que a imagem se torna cada vez mais a protagonista de um discurso midiático é necessário entender ou, talvez, melhor aprender a decodificar estas imagens portadoras de inúmeros significados. Devemos nos lembrar que toda e qualquer imagem muitas vezes requer abordagens multidisciplinares, mas que principalmente devem se remeter a uma análise sociocultural e portanto, também é necessário estudar o seu caráter ideológico em cada veiculação. É preciso aprender a estudar uma imagem para além do signo escrito. Muitas vezes esquecemos da imagem como linguagem própria e ela, a imagem paradoxalmente, só se torna visível a partir de um texto verbal escrito. Imagens porém nos abrem e se abrem para discursos interpretativos.

É necessário que se compreenda o papel cultural da fotografia: o seu poderio de informação e desinformação, sua capacidade de emocionar e transformar, de denunciar e manipular. Instrumento ambíguo de conhecimento, ela exerce contínuo fascínio sobre os homens. Ao mesmo tempo em que tem preservado as referências e lembranças do indivíduo, documentado os feitos cotidianos do homem e da sociedade em suas múltiplas Ações, fixando, enfim, a

memória histórica, ela também se prestou – e se presta aos mais interesseiros e dirigidos usos ideológicos (Kossoy, 2007, p. 31)

A Fotografia, como signo indicial, é aquela linguagem que traz traços de uma verdade que se expõe diante de nós. A mensagem visual provocada por esta linguagem pode representar uma força persuasiva que, de acordo com a competência interpretativa do espectador, o leva a tomar decisões que por vezes podem, da mesma forma, contribuir para a proliferação de ações a que ela se propôs. Ou seja, “...imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém que a produz e a reconhece.” (Joly, 2005, p. 130). E ainda como nos lembra a pesquisadora Martine Joly (2002), se existem diferentes imagens existem também variadas interpretações, “nenhuma mensagem seja ela qual for, se pode arrogar uma interpretação unívoca” (2002, p. 12). A mesma ideia é compartilhada pelo filósofo Jacques Rancière que, em seu livro, *O destino das Imagens* (2012) se indaga sobre o que transmitem as imagens, se é de uma “...realidade simples e unívoca que elas nos falam?” (2012, p. 9). Sua indagação se faz pertinente quando ele tenta compreender as frases do senso comum de que vivemos numa sociedade imagética. Rancière procura desvendar qual o papel da imagem e suas transformações contemporâneas. Quais as diversas funções de uma imagem e de como devemos compreendê-la, talvez melhor seria dizer, decodificá-la:

Do que se está falando e o que precisamente nos é dito quando se afirma que daqui em diante não há mais realidade, apenas imagens? Ou, ao inverso, que doravante não há mais imagens, somente uma realidade representando sem cessar a si mesma? (Ranciere, 2012, p. 9)

Perguntas que nos assombram quando também somos conscientes de que diversos tipos de imagens recebem diversas interpretações e que a percepção das imagens também se dá de maneira diferenciada. A uma pintu-

ra, caricatura ou desenho lhe é sempre atribuído um caráter imaginativo enquanto que para uma fotografia o olhar é quase sempre o da mimese. Tradições herdadas de fenômenos perceptivos. Tradições que se rompem com a complexidade da contemporaneidade a entender a imagem como metáfora e protagonista de uma fato. Em uma sociedade que se afirma imagética a imagem ainda precisa de uma ancoragem verbal para ser compreendida e decodificada. Por isso acreditamos ser de fundamental importância esta discussão acerca da imagem como forma de inserção social e de sua capacidade de gerar conhecimento. É preciso romper com antigas epistemologias que percebem a imagem como ilustração e não como portadora de significados. É a hora de criarmos novas perguntas acerca da visualidade.

Nos artigos a serem lidos nesta edição especial da *Líbero* fica claro a multiplicidades de interpretações possíveis de uma imagem, como cada autor propõe sua utilização para a apreensão do nosso cotidiano e sua maneira de contemplar o mundo.

O fator decisivo no deciframento de imagens é tratar-se de planos. O significado da imagem encontra-se na superfície e pode ser captado por um golpe de vista. No entanto tal método de deciframento produzirá apenas o significado superficial da imagem. Quem quiser “aprofundar” o significado e restituir as dimensões abstra-

ídas, deve permitir à sua vista vagar pela superfície da imagem. Tal vagar pela superfície é chamado *scanning* (Flusser, 2002, p. 7).

Um contemplar de mundo de maneira responsável, solidária, compreensiva, educacional e ética deve ser a preocupação de todo e qualquer pesquisador desta ou de qualquer outra área. Afinal, a ciência é e deve ser feita por aqueles que buscam o bem comum em um fim único e verdadeiro que é sua própria humanidade.

Por tudo isso, a Fapesp reconheceu a importância do simpósio, o interesse da temática para a área e recomendou que eventos similares sejam incentivados. Almeja-se que este I Simpósio de Imagem e Inserção Social tenha estimulado pesquisadores nacionais e internacionais a darem continuidade a essa temática de muita relevância para o campo da imagem promovendo a inserção social. No que diz respeito à nossa instituição, a Faculdade Cásper Líbero, ao nosso corpo docente e discente e aos parceiros do Brasil e do exterior, esse evento cumpriu com o seu papel de dar início a muitos outros que virão em forma de debates, simpósios, pesquisas e publicações. Pensamos, assim, contribuir para novas pesquisas nessa área de comunicação que na sua essência é aquela que deve abrigar os pensamentos mais democráticos e inclusivos.

Referências

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
 KOSSOY, Boris. **Os tempos da Fotografia**: o efêmero e o perpétuo. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
 JOLY, Martine. **A imagem e a sua interpretação**. Lisboa: Edições 70, 2002.

_____. **Introdução à análise da imagem**. São Paulo: Papirus, 2005.
 MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000
 RANCIERE, Jacques. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.